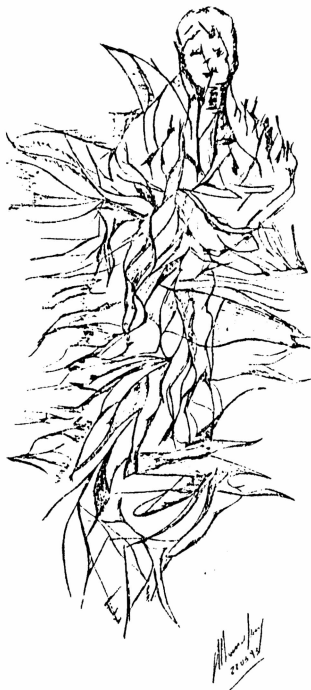


Francisco Fernandes Marinho

Acesso ao real em Gabriel Marcel:  
“mistério e problema”







# *Acesso ao real em Gabriel Marcel: "mistério e problema"*

---

*Francisco Fernandes Marinho\**

---

*\* Professor do Departamento de História da UFRN  
Doutorando em Filosofia pela Universidade Pontifícia de Salamanca-Espanha*

Capa:  
Desenho "Imagem",  
de Albenise Reni.  
Santa Cruz/RN, 1989.

Separata:

VIVÊNCIA - Revista do CCHLA/UFRN, 9(2): 163/177, jul/dez 1995.

Natal: EDUFRN, 1996. 185p.

## INTRODUÇÃO

A filosofia do Ser ocupa um lugar de destaque no pensamento do filósofo francês Gabriel Marcel (1889-1973). Embora adepto da corrente existencialista e contemporâneo do grande filósofo também francês e existencialista, Jean-Paul Sartre, o próprio Marcel sempre recusou classificar-se como existencialista.

Enquanto o Existencialismo está muito eivado de ateísmo, Marcel centraliza a sua filosofia em Deus, não no homem. Por isso, o chamam de “existencialista cristão”, mas preferimos classificá-lo como “filósofo existencial”.

Marcel conseguiu sintetizar, de maneira admirável, as intuições fundamentais e as linhas mestras de sua filosofia existencial na pequena obra intitulada “*Le Mystère de l'Être*”, em dois volumes: “*Réflexion et mystère*” e “*Foi et Réalité*”, publicados em Paris, em 1951, fruto de uma série de conferências pronunciadas na Universidade de Aberdeen (Escócia).

Ségundo Marcel, a questão do Ser desdobra-se em duas vertentes: o Ser como “problema” e o Ser como “mistério”. O “problema” é algo objetivado, compreensível, determinável, programável, resolúvel; “mistério”, algo além do “problema”, no qual o próprio Ser está implicado, transcendendo a sua capacidade de compreensão, não podendo ser dominado, apenas aceito. Há um antagonismo radical entre essas duas linhas da existência humana. A primeira, que Marcel chama linha “não-autêntica”, é aquela em que a reflexão primeira estuda o problema e se exprime na opinião. Estamos ainda no plano do “ter”. A segunda linha é a “autêntica”, na qual a reflexão penetra no “mistério” e atinge o reino do “Ser”.

No homem, essas duas dimensões podem coexistir, mas é necessário fazer prevalecer a dimensão “autêntica”, pela qual temos acesso ao “real”.

Para mostrar como alguns filósofos permanecem na primeira esfera e assim não conseguem ter um verdadeiro acesso ao “real”. comparamos o pensamento de Marcel com o dos Neopositivistas do Círculo de Viena, tendo por base, sobretudo, a obra “*La Razón y las Razones: de la Racionalidad Científica a la Racionalidad Creyente*”, do Professor Dr. Alfonso Pérez de Laborda, da Universidad Pontificia de Salamanca.

O presente trabalho não pretende ser um estudo aprofundado sobre Gabriel Marcel, a sua filosofia do Ser, da experiência do Ser e da realização do Ser, que se concretiza através da resolução do “problema” e da “revelação” do “mistério”, no desvelamento existencial e por meio de certos atos de natureza privilegiada e por certa “reflexão” no âmbito do próprio “real”, mas apenas a divulgação de uma das monografias apresentadas à Universidad Pontificia de Salamanca (Espanha), durante a realização do Curso de Doutorado em Filosofia.

## A VIDA E A OBRA DE GABRIEL MARCEL

Gabriel Marcel é o máximo expoente da corrente do pensamento contemporâneo chamada “existencialismo cristão”, embora tenha recusado o apelativo de “existencialista”, para não ser confundido com as idéias de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Prefere o nome de “filósofo cristão”, ou como ele mesmo diz “socrático cristão”, por causa da semelhança com o filósofo grego na sua maiêutica ou método interrogativo, partindo do inautêntico para o

autêntico. Contudo, a partir de 1925, com a publicação do artigo “Existência e Objetividade”, foi reconhecido como representante de uma das tendências mais originais do movimento existencialista.

Marcel nasceu em Paris, a 07 de dezembro de 1889, onde faleceu em 08 de outubro de 1973. Era um homem polivalente. Além de filósofo, crítico literário, dramaturgo, crítico teatral, participou ativamente da vida cultural francesa, no decênio 1930-1940, mantendo contatos com o mundo da Literatura e da Cultura e, principalmente, nas célebres discussões da “Société Française de Philosophie”.

Inicialmente, voltado para o Teatro e à Literatura, ao entrar em contato com a Filosofia Alemã e a Anglo-saxônica, dedicou-se à Filosofia, em particular àquela que se preocupava com os problemas da existência. Na verdade, a filosofia de Marcel é mais existencial do que conceitual. E o objetivo perseguido não é que o homem seja sábio, mas que seja mais homem.

Depois de um imenso trabalho interior de aproximação à fé cristã, a sua conversão ao Cristianismo representou uma etapa decisiva no amadurecimento de seu pensamento filosófico. Alguns críticos afirmam que ele confundia Filosofia com Teologia, mas o que ele pretendia, porém, com a introdução de alguns conceitos da vida religiosa, como fé, mistério, esperança, oração e humildade, era uma compreensão mais integrativa da realidade.

Nos anos imediatamente sucessivos à sua conversão ao Catolicismo, Marcel apresentou sempre mais acentuado o interesse pelo problema da fundamentação de um conceito de “razão” ou do ideal teórico, mais vasto e mais profundo do que aquele que o

racionalismo epistemológico tinha definido dentro dos limites da verificabilidade. Ele sempre se recusava a aceitar como definitivo o dilema que o pensamento crítico moderno havia deixado como hereditariedade à Filosofia Contemporânea: ou verificar ou crer, ou consciência em geral ou consciência empírica e arbitrária<sup>1</sup>.

Em sua longa existência, Marcel escreveu várias obras, dentre as quais destacamos a tese para a obtenção do diploma de Estudos Superiores “Les idées Métaphysiques de Coleridge dans leurs Rapports avec la Philosophie de Schelling”, em 1910; “Réflexions sur l’idée du Savoir absolu et sur la Participation de la Pensée à l’Être”, em 1910/1911; “Les conditions dialectiques de la philosophie de l’intuition” em 1912; “Le Seuil invisible”, composta por duas peças: “La Grace”, de 1911 e “La Palais de Sable”, de 1913, em 1914; “La Métaphysique de Royce”, em 1918/1919 e 1945; “Le Coeur des Autres”, em 1921; “L’Iconoclaste”, em 1923; “Un homme de Dieu”, em 1925 e 1950; “Le Quatuor en fa dièse”, em 1925; “Existence et Objektivité”, em 1925; “Journal métaphysique”, em 1927; “Trois pièces” (“Le Regard neuf”, “Le mort de Demain”, “La Chapelle ardente”), em 1931; “Le Monde cassé”, em 1933; “Être et Avoir”, em 1935; “Le Chemin de Crête”, em 1936; “Le Dard”, em 1936 e 1950; “Le Fanal dans la Vie Intellectuelle”, em 1936; “Les Points sur les I”, em 1936; “Théâtre comique” (“Colombyre ou le Brasier de la Paix”, 1937; “La Double Expertise”, 1937; “Les Points sur les I”, 1936; e “Le Divertissement posthume”, 1923); “La Soif”, em 1938 e 1952; “Du Refus à l’Invocation”, de 1940 “Homo Viator”. *Prolégomènes à une métaphysique de l’espérance*”, em 1945 e

1963; "L'Horizon", em 1945; "Positions et Approches concrètes du Mystère Ontologique", em 1949; "Vers un autre Royaume" ("L'Émissaire"; "Le Signe de la Croix"), em 1949; "Le Mystère de l'Être", em dois volumes, 1951: I "Réflexion et Mystère"; II "Foi et Réalité", que procedem das "Gifford Lectures"; "La Fin des Temps", em 1950; "Les Hommes contre l'Humain", em 1951; "Rome n'est plus dans Rome", em 1951; "Le Déclin de la Sagesse", em 1954; "L'Homme problématique", em 1955; "Croissez et multipliez", em 1955; "Mon Temps n'est pas le vôtre"; "Qu'attendez-vous du médecin?", em 1958; "La Dimension Florestan", em 1958; "Présence et Immortalité", em 1959; "Théâtre et Religion", em 1959; "L'Heure théâtrale" (chroniques des Nouvelles Littéraires, de Giraudoux à Jean-Paul Sartre), 1959; "Le Signe de la Croix", em 1960; "La Prune et la Prunelle", em 1960; "Fragments Philosophiques 1909-1914", em 1962; "Regards sur le Théâtre de Claudel", em 1964; "La Dignité Humaine", 1964, etc.

#### O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE GABRIEL MARCEL

Como classificariamos o pensamento deste "socrático cristão" que não quer ser chamado de existencialista? Embora a originalidade de suas idéias não permita a colocação de uma etiqueta, quais as correntes que o influenciaram? Ainda que Gabriel Marcel tenha sido muitas vezes classificado, entre muitos outros, pelo próprio Sartre, como existencialista católico, visto que ele mesmo rechaçou esta etiqueta, o melhor será descartá-la.

Sem dúvida alguma, é muito natural buscar-se alguma etiqueta classificatória, porém o certo é que nenhuma delas se enquadra bem em Marcel. Algumas vezes Marcel foi descrito como empirista, contudo, ainda que ele certamente tenha baseado as suas reflexões na existência e não tenha pretendido deduzir um sistema de idéias, *a priori*, o termo empirismo, que tem demasiadas associações com a análise redutiva de David Hume (1711-1776) e outros, parece não se aplicar convenientemente ao pensamento de Marcel. Do mesmo modo, ainda que ele faça muito uso do que poderíamos chamar análise fenomenológica, nem por isso é discípulo de Edmund Husserl (1859-1938), como na realidade não o é de nenhum outro. Marcel seguiu o seu próprio caminho e não pode ser tratado como membro de uma determinada escola<sup>2</sup>.

Sobre a influência do idealismo no seu pensamento, sabe-se que um tempo chegou a ser atraído por esta corrente, especialmente pelo idealismo de Friedrich W. J. Schelling (1775-1854), mas não tardou a voltar-se contra ela. Immanuel H. Fichte (1796-1879) o irritava e de Georg W. F. Hegel (1770-1831) desconfiava, ainda que o admirando. Sentiu um profundo respeito por F. Francis H. Bradley (1846-1924) e muito tempo depois haveria de publicar um livro sobre Josiah Royce (1855-1916).

Porém pareceu-lhe que o idealismo tinha pouco a ver com a existência concreta, embora a primeira parte de seu "Diário Metafísico", expressão de suas críticas dos modos de pensar idealistas, estivesse ainda influenciada pelos pontos de vista do idealismo. As experiências por que passou durante a Primeira Guerra Mundial o

confirmaram na sua convicção de que a filosofia abstrata é algo que fica muito separado da existência humana concreta.

Na doutrina de Gabriel Marcel, o indivíduo, a menos que seja socializado e reduzido à sua função pública, é “portador de certas energias misteriosas, cósmicas ou espirituais, cuja transcendência é por ele sentida obscuramente”<sup>3</sup>.

Marcel tenta construir uma filosofia existencial tendente ao concreto, e o significado do existencial entende-se quando se quer falar da existência divina, porque Deus não é uma concepção ultra-existencial da pessoa divina, não se encontra “por cima” da existência, mas como o próprio fundamento do existente.

Um segundo momento da tendência ao “real”, encontramos na meditação sobre a noção do corpo ou do “meu corpo”, quando Marcel afirma que o “meu corpo” tem uma relação singular com o “eu”, do qual o corpo parece ser predicado, em uma relação que faz compreender a possibilidade dos juízos da existência e que o próprio Marcel chama de “mistério” e apresenta a distinção entre “mistério” e “problema”. “Problema” é o dado proposto; “mistério”, algo que compromete e que não pode ser dominado. Daí concluir-se que a questão sobre o Ser seja misteriosa e não problemática e a sua revelação dá-se por meio do desvelamento existencial e por meio de certos atos de natureza privilegiada, como o amor, a fidelidade, a admiração, etc.

“Reconhecida a existência e a legitimidade do mistério no âmbito da existência humana, afirma Bissaca, os esforços de Marcel se concentram sobre a pesquisa das condições metafísicas da fé”<sup>4</sup>.

O pensamento de Marcel encontra-se em um nível mais absoluto na sua obra “Le Mystère de l’Être”, resultado de uma série de conferências “Gifford Lectures” pronunciadas na Universidade de Aberdeen, em maio de 1949 e de 1950. Trata-se de uma obra de difícil possibilidade de resumo, algo característico do pensamento de Marcel, que não permite que os resultados possam ser separados do processo por meio do qual são alcançados. Mas, mesmo sob tais dificuldades, a obra se apresenta como um “caminho” que leva o homem de “um Monde cassé”, um mundo vazio, velho, privado de uma intrínseca unidade, a uma plena e consciente identificação com o transcendente, com o “Tu Absoluto”, a um “mistério”, no qual reside uma certa região profunda que dá acesso à eternidade. É nessa região que podemos conhecer a estrutura da “minha vida”, o seu “ser na situação” e no seu “momento da participação” e a sua “exigência do transcendente”, através do uso de uma certa “reflexão”. E é só por meio desta, “que não toma o objeto como puramente ‘exterior’, mas rodeando-o com uma ‘aura’ que emana incessantemente do ‘centro’ existencial onde aparece o meio inteligível que desencadeia todas as fases da ‘reflexão’”<sup>5</sup>, que podemos ter acesso ao “real”.

#### MISTÉRIO E PROBLEMA EM GABRIEL MARCEL

A distinção entre “mistério” e “problema” é de fundamental importância em Marcel. Admite que não se pode traçar uma clara linha de demarcação, pois a reflexão sobre o mistério e a intenção de fixá-



lo ou declará-lo tende a convertê-lo em problema. Evidentemente, seria inútil empregar os dois termos se não fosse possível dar sequer alguma indicação de diferença de seus significados.

Veremos isto através de alguns exemplos que nos propõe o próprio Gabriel Marcel: um problema, é uma pergunta que pode ser respondida de um modo puramente objetivo, sem que o interrogante tenha de se misturar ou seja afetado por ele. Seja, propomos por exemplo, um problema de matemáticas: naturalmente que me pode interessar, e talvez muito, resolvê-lo; ocorre assim em exames importantes para a obtenção de uma nota decisiva ou de um título em uma carreira. Porém, ao tratar de resolver o problema que me tenha sido proposto e que tenho, por assim dizê-lo, diante de mim mesmo, o considero de uma maneira puramente objetiva, permanecendo eu mesmo fora de seus dados: eu sou o sujeito, o problema é o objeto. E eu não me introduzo no objeto. É verdade que para solucioná-lo sou eu mesmo que trabalho. Porém, em princípio, isto poderia ser feito não somente por uma outra pessoa mas também por uma máquina. E a solução, uma vez encontrada, é coisa manejável. O problema se move, cambiada a expressão, no plano da pura objetividade. Se, por exemplo, se têm de resolver problemas para enviar o homem ao espaço de forma que possa regressar são e salvo, deverão os técnicos e investigadores fazê-lo com a maior objetividade possível, afastando ao máximo os subjetivismos.

Segundo Copleston, o termo “mistério” se presta a equívocos. Afirma que aqui não se emprega no sentido em que falam de mistérios os teólogos, isto é, para referir-

se a verdades reveladas por Deus, que não podem ser demonstradas somente mediante a razão humana e que transcendem a nossa capacidade de compreensão. Nem significa tampouco o incognoscível<sup>6</sup>.

Para Marcel, o “mistério” é “um problema que rebaixa os seus próprios dados, invalidando-os, por assim dizer, e transcendendo-se com ele a si mesmo como simples problema”<sup>7</sup>.

Na obra “Être et Avoir”, Marcel repete esse pensamento e acrescenta que “um mistério é algo no qual o meu próprio ser está implicado e, por conseguinte, só é concebível como aquilo no qual perde sua significação e sua inicial validade a distinção entre o que há em mim e o que está diante de mim”<sup>8</sup>.

Suponhamos, por exemplo, que eu me “pergunte: ‘que sou eu?’ e respondo que sou uma alma ou um espírito que tem um corpo. Responder assim é objetivizar meu corpo como algo contra mim, algo que eu posso ter ou possuir como poderia ter um guarda-chuva. Em tal suposição já é totalmente impossível reconstituir a unidade da pessoa humana. Eu sou o meu corpo. Porém, evidentemente, não sou identificável com o meu corpo entendendo-o no sentido em que se entenda o termo “corpo”, uma vez que foi distinto da alma e que foi objetivado como se fosse uma coisa que eu pudesse observar, digamos, a partir de fora. Para apreender a unidade da pessoa humana tenho que retornar à experiência vivida da unidade, que precede à separação mental ou à divisão nesses dois dados ou fatores. Em outras palavras, se me divido a mim mesmo em uma alma e um corpo, objetivando-os e tomando-os assim como dados de um problema a ser resolvido, logo, por mais que trate de juntá-los de novo,

nunca jamais o conseguirei. Minha unidade somente posso captá-la a partir de dentro<sup>9</sup>. Os títulos dos dois volumes da obra que estamos estudando, em particular, “Le Mystère de l’Être”: I. “Réflexion et Mystère” e II. “Foi et Réalité”, já nos dão uma indicação inicial sobre a orientação da filosofia de Gabriel Marcel, no que diz respeito aos dois conceitos de “mistério” e de “problema”. Na realidade, “mistério” e fé são palavras próprias da Teologia mas aqui não há confusão entre Teologia e Filosofia, porque Marcel as usa no sentido analógico. O mistério teológico se funda na revelação; o mistério filosófico se descobre com a razão: alguma coisa se manifesta mas só analogicamente, isto é, há semelhança, compenetração do “sim” e do “não”. Para se conhecer o “mistério” é preciso passar pela negação.

A fé teológica é baseada numa autoridade, autoridade da palavra revelada. A reflexão filosófica, por seu lado, é natural; a fé filosófica é um saber que supera o nível da razão para chegar ao seu fundamental supra-racional, isto é, ao “mistério”. Não é somente um saber intelectual mas um saber existencial, baseado na experiência de vida que inclui toda a atividade humana.

No pensamento de Gabriel Marcel encontramos uma luta fundamental entre as duas linhas de existência humana: a “não-autêntica”, onde a reflexão primeira estuda o problema e se exprime apenas na opinião, isto é, no reino do “ter” e a “autêntica”, onde a reflexão segunda penetra no “mistério” e responde com a fé, isto é, o reino do “Ser”.

Na constituição do homem entram os dois estados, tanto o estado “autêntico” quanto o estado “não-autêntico”. Por entrar

na constituição do homem o estado “não-autêntico”, existe o perigo do domínio do estado “nãoautêntico”, se bem que nunca totalmente, porque o estado “não-autêntico” é um estado “autêntico” rebaixado, o homem deve lutar para fazer com que domine o estado “autêntico”. No entanto, nem mesmo este pode dominar totalmente, porque o homem não é um “anjo” mas “um espírito no mundo”.

Afirma Marcel que o homem “autêntico” é aquele no qual prevalece mais o estado “autêntico” e o homem “não-autêntico” é aquele no qual domina mais o estado “não-autêntico”, e conclui-se, no entanto, que tanto a Filosofia Positivista quanto a Filosofia Neopositivista, que permanecem sempre na reflexão primeira, são “não-autênticas” e “excêntricas”.

## A QUESTÃO DO SER

“

A questão do ser, que deve se interrogar na esfera do “mistério”, é um ponto fundamental na filosofia de Marcel. O ser não somente quer dizer inter-subjetividade, mas também totalidade estruturada que compreende também a Deus.

A filosofia de Marcel está em oposição à de Sartre para quem o homem é o centro; os outros, fora de mim, são o impedimento do meu desenvolvimento porque me colocam em um estado inautêntico. Os outros me fazem um objeto e me impõem a sua concepção da minha vida e me obrigam a ser assim e, por isso, destroem a minha liberdade.

A filosofia de Marcel tem semelhança com a de Martin Heidegger (1889 - 1976), o qual faz análise do “mit-sein” (com-ser), isto

é, a minha ligação com os outros. Com isto quer superar a "metafísica da subjetividade" de René Descartes (1596-1650) e de Immanuel Kant (1724-1804); quer colocar em seu lugar um ponto de vista existencial. Também tem semelhança com a de Karl Jaspers (1883-1969), que faz a análise da comunicação, que é um sinal da verdade. Esta comunicação não significa simplesmente a transferência do conhecimento de um para outro: isto se faz na ciência, mas, no campo do ser, a comunicação que vai à profundidade do homem, se manifesta no consenso daqueles que chegam a essa profundidade.

Quando fazemos a pergunta: "O que é o ser?", devemos colocar-nos numa nova dimensão, porque esta pergunta se pode fazer somente na esfera inter-subjetiva.

A palavra "intersubjetividade" é usada por Husserl na sua obra "Meditações Cartesianas", na qual procurou superar Descartes, embora não o tenha conseguido plenamente. O dado original da metafísica do ser não é o "cogito" mas o "nós somos", isto é, o "eu em comunicação com os outros", e toda a realidade não é um somatório, mas uma totalidade, *a priori*, original que precede toda experiência singular. A totalidade tudo compreende e nada exclui; é dada a nós não por uma intuição, mas através dos sentidos, enquanto o mundo é apreendido na sua mais íntima raiz; nós estamos no mundo. No objeto singular se manifesta já a totalidade sem limites e o conhecimento intelectual se faz no horizonte da totalidade, isto é, conduzindo cada objeto a essa totalidade.

A totalidade não pode ser nunca um objeto e não se manifesta como um objeto, mas é contida em cada conhecimento. E, por

isso, há uma diferença entre objeto e conteúdo. "Objeto" (*Obiectum, Gegenstand*) quer dizer "alguma coisa limitada", "finita", e por isso não posso ser um objeto porque no meu "eu" é já contida a totalidade; eu faço parte da totalidade. Totalidade simplesmente dita quer dizer o ser, mas, qual é o ser? Nós preferimos dizer que deveríamos pensar o ser independentemente porque tudo é indeterminadamente contido no ser. E então nenhum conhecimento acrescenta alguma coisa de novo, mas somente determina o ser ou o torna mais determinado. O ser se determina sempre mais, e nisto está o progresso da Filosofia. Por isso, pensando o ser, nós estamos na comunicação com tudo, e isto é uma superação do Cartesianismo e do pensamento solipsístico.

O ser não é um dado de fora mas de dentro do homem, e pode-se encontrá-lo como a raiz última daquilo que "nós somos". E pensar o ser não o faz objeto, porque no reino do ser a distinção entre objeto e sujeito já foi superada, uma vez que estamos no horizonte da totalidade. Por isso, o ser não é objeto mas conteúdo no nosso pensamento. Não podemos compreender o nosso ser sem compreender conjuntamente o ser dos outros. Na totalidade que é estrutura, temos já a possibilidade da comunicação vivente.

Para Marcel, a exigência da transcendência é, em última análise, a exigência de Deus. E o ser, sendo uma totalidade estruturada, compreende também a Deus; Deus é conteúdo no ser (não um objeto), no sentido que Ele é o próprio Ser Subsistente, a fonte de todo o ser. Ele é o Ser mesmo por excelência, mas em sentido transcendente e, por isso, pensar plenamente o ser conduz ultimamente a Deus.

## EXISTÊNCIA E SER

O filosofar de Gabriel Marcel origina-se da experiência vivida, isto é, do notar passo a passo a própria experiência interior, através da qual o problema da existência se transforma na aceitação do mistério da existência. Na sua filosofia, como já o afirmamos, Marcel distingue o “problema” do “mistério”. Um problema, diz Marcel, é qualquer coisa que está defronte a nós, em torno da qual podemos discutir. O mistério, no entanto, é algo no qual o homem está inserido e não pode dominar. O mistério, enfim, indica uma realidade que não pode ser expressa em termos de problema objetivo ou determinável. O mistério está além do problema. O mistério fundamental é o mistério ontológico.

O mistério ontológico encontra a sua perfeição na totalidade do ser. Mas, como se pode chegar a esta totalidade do ser: com a intuição, com a razão ou com os sentidos? A totalidade do ser se alcança não exclusivamente pelos sentidos, mas partindo dos sentidos e, fazendo abstrações desses sentidos, se chega ao ser através de um processo chamado “redução transcendental” ou processo de interiorização. A este propósito se pode aplicar o princípio de São Tomás de Aquino, segundo o qual “a quiddidade da coisa sensível é o objeto próprio do intelecto”. O ser se manifesta no processo de interiorização, que é um processo de mediação e não de intuição.

A totalidade do ser não é uma coleção dos seres, nem mesmo uma abstração. A totalidade do ser é indeterminação, por isso quem pensa o ser pensa a totalidade indeterminada. O ser, presença vivida, não é

um mero objeto do pensamento, é a intimidade espiritual inobjetivável.

A preocupação de Gabriel Marcel, neste mistério ontológico, é a da relação entre existência e ser. Mas, que sentido pode ter a distinção entre existência e ser quando se fala de Deus? A distinção, de fato, não tem sentido porque Deus, como diz São Tomás de Aquino, o Próprio Ser Subsistente, não tem o ser mas é o ser mesmo, a plenitude do ser. Deus não existe, porque Deus é o fundamento de todo o existir, por isso Deus é.

A distinção, portanto, entre existência e ser diz respeito somente aos entes debaixo do ser. Uma coisa existe e esta existência dos entes debaixo do Ser é limite, porque, diz Marcel, estritamente falando, a coisa é incapaz de recolher-se, “se recueillir”, e, sendo dispersa, não pode tender para a totalidade do ser, exercendo a sua realidade enquanto coisa, mas não a sua totalidade.

O homem existe, e, mediante o processo de interiorização, se recolhe, e, neste “recolher”, tende à realidade do ser. Cada ente de fato participa do ser e o homem nessa participação é condicionado pelo vir-a-ser e pela potencialidade, porque está no caminho para a totalidade do ser.

A existência é intimidade, participação com os outros, comunhão com um “Tu Absoluto” mediante a experiência vivida, mediante a superação dos limites das coisas por recolher-se, segundo a linguagem de Marcel, “pour me rendre plus distinct des autres je peux aussi me tourner vers l’intérieur et c’est ce qui arrive dès le moment où je me recueille”<sup>10</sup>.

O recolher-se implica a interiorização que nos aproxima da totalidade do ser. Daí, o significado do emergir, do aparecer e do recolher-se estar contido na existência.



Portanto, se o significado do emergir, do surgir e do recolher-se é contido na existência, daí temos uma dialética inexaurível naquilo que existe e tende para a totalidade do ser.

De uma parte, temos o homem que não é o ser, de outra parte, o homem que é para o ser. Neste círculo metafísico de nossa existência, o homem projetado no ser não é idêntico a si mesmo, mas nessa mediação o homem tende para o ser. Essa mediação não se realiza nos entes debaixo do homem. Jean-Paul Sartre atribui aos entes debaixo do homem a plena identidade. No homem, afirma Sartre, temos a identidade diminuída.

A distinção entre homem e animal consiste no fato de que o animal não é o ser, embora participe do ser, vive a sua não-identidade com o ser e realiza assim a identidade ôntica que é imediata. No homem, temos a identidade mediata, perfeitamente autêntica, graças à qual ele procura eliminar a oposição entre o ser e a aparência do ser. Portanto o homem existe e supera os limites, liberta-se das coisas. Esse libertar-se do homem é, segundo Marcel, a articulação ou a passagem entre existência e ser. A liberdade é o processo do próprio ser, exercício radical mediante o qual o homem se liberta dos limites. Isto se torna possível, somente, para um ser livre, capaz de superar o estado das coisas que o encadeia nos limites.

Esse emergir, surgir e superar os limites conduz o homem a transcender à sua onticidade e superar os limites do ser.

Gabriel Marcel, enfim, fala, ou melhor, acena ao problema da imortalidade. De fato, o tender para a plenitude do ser e da intimidade espiritual nos coloca defronte à imortalidade, que Marcel considera como verdade do ser. Assim, Marcel se opõe a

Heidegger que encerra o homem no nada, à sua morte.

O problema do mistério do ser, a exigência do transcendente, de um “Tu Absoluto”, do recolher-se para tender para o ser são posições que afastam Marcel do existencialismo contemporâneo.

Vimos, assim, que Marcel não quer considerar a Deus como um objeto cuja existência se firme como conclusão resolutória de um problema. A fé não é questão de crer que, mas de crer em; e para Marcel, como para Soeren Aabye Kierkegaard (1813-1855), Deus é o “Tu Absoluto”. Porém há diversas maneiras de orientar-se para Deus. Quer dizer, são vários os enfoques concretos em vista da “Presença Absoluta”: o homem pode abrir-se a essa Presença, a Deus, mediante as relações intersubjetivas, tais como, o amor e a fidelidade criadora, que são sustentadas por Deus e para Ele apontam; ou podem também encontrar a Deus no culto e na oração, invocando-o e respondendo a seu chamamento. Os diversos modos não são, é claro, mutuamente exclusivos. São caminhos para chegar a experimentar a divina presença.

Quando trata das relações pessoais, Marcel dá muita importância ao conceito de “disponibilidade”: se estou disponível para o outro, supero o meu egoísmo, e o outro se me faz presença no plano da intersubjetividade. Se não estou disponível ou aberto a outra pessoa, se me fecho com respeito a ela, essa pessoa, homem ou mulher, não está presente em mim, exceto, talvez, num sentido puramente físico. Também é possível que eu me feche a Deus e que o negue, recusando invocá-lo. Isto depende, segundo Marcel, de uma opção, de um ato da vontade<sup>11</sup>.

## O "REAL" EM GABRIEL MARCEL E NOS NEOPOSITIVISTAS DO CÍRCULO DE VIENA

Aparentemente, não existem relações entre as idéias do Círculo de Viena<sup>12</sup> e as de Gabriel Marcel, no entanto, quem conhece o pensamento do grande filósofo "socrático cristão" sabe muito bem que ele representa uma posição inteiramente antagônica às idéias defendidas pelo Círculo de Viena e, coincidentemente, no mesmo ano em que se publicava, em Viena, o folheto "A Concepção Científica do Mundo: o Círculo de Viena", o filósofo se convertia ao cristianismo, deixando a religião hebraica.

Para podermos mostrar que o pensamento de Marcel era diametralmente oposto à doutrina dos neopositivistas, é necessário lembrar um pouco a "concepção científica do mundo" defendida por esses autores, sobretudo em suas pretensões de tentar explicar, a partir de seus pressupostos empíricos, a realidade.

Na base do pensamento neopositivista está a afirmação de que "na ciência não há nada de profundidades, tudo não é outra coisa senão superfície". Por que fazem eles esta afirmação tão massiva? Porque sustentam que "a totalidade do vivido forma uma rede complicada que sempre se pode abarcar com os olhos"; "tudo é acessível ao homem, e o homem é a medida de todas as coisas." Não são os neopositivistas, pois, contrários à complicação do real ou de nosso acesso ao real; porém, sim, rechaçam de maneira clara e redonda as misteriosas profundidades inalcançáveis pelo olhar de nosso discurso.

Este é o ponto chave da postura que defendem os do Círculo de Viena, muito embora, já desde Kant, tenha surgido a tendência em filosofia a deixar só à ciência

o âmbito do conhecimento da realidade, pensando que aquilo que se chamava metafísica era um "caco" mastodôntico, inútil para ter acesso a ela<sup>13</sup>.

Os neopositivistas afirmam que se deve fazer uma demarcação entre os enunciados científicos e os enunciados metafísicos ou teológicos. Tanto o metafísico quanto o teólogo se enganam, eles mesmos, crendo dizer algo em seus enunciados e tentando apresentar um estado de coisas.

A realidade não se reduz à superfície atingível pelo conhecimento científico. Este era, na expressão de Alfonso Pérez de Laborda, o "sonho doce" dos neopositivistas, do qual é preciso despertar. Mas, por que a expressão "sonho doce" à ilusão dos neopositivistas? "Talvez, explica o próprio Laborda, porque o "sonho doce" era aquele que pensava que já tudo ou quase tudo estava adquirido, que o progresso do pensamento da História nos havia rendido seus frutos definitivos. Talvez porque o "sonho doce" era aquele que a razão (pura) da ciência, com sua ingrata "seguridade", nos resolveria para sempre todos os problemas, um a um e de maneira definitiva. Porque a filosofia da ciência como poderia ser de outro modo? terminou sendo tão débil como a própria filosofia. Porque quem iria pensar que seria a dura razão (prática), com a sua bela "inseguridade", aquela pela qual deveríamos tomar partido decididamente também para ter acesso à realidade da qual, talvez, fala a ciência. Porque, finalmente, quem pensaria, desde aquele doce sonho, que tudo aquilo não era mais que um "sonho doce". E todo despertar à realidade, desde qualquer doce sonho, é um duro e obrigado esforço, que está cheio de possibilidades reais<sup>14</sup>.



O Círculo de Viena não pode ter a pretensão de que a sua é a única visão possível do mundo. “As intuições básicas do Círculo, afirma Laborda, ficam assim em (meros) pressupostos metafísicos de uma (mera) visão do mundo que dispunha só das armas de suas razões para defender-se em igualdade com qualquer outra visão do mundo”<sup>15</sup>.

Como é, pois, o nosso acesso à realidade?, interroga-se a si mesmo o citado autor. A pergunta não se refere só ao nosso acesso à natureza. Falar de natureza parece supor algo assim como coisas e o mundo seria, como diziam os gregos, um Cosmos. Como somos uma parte da realidade, nós mesmos temos uma peculiaridade: somos capazes de colocar-nos frente a ela, somos figuras que se destacam na paisagem da realidade, mudamos as paisagens, pensamos para atuar, atuamos e voltamos a pensar. Temos, pois, acesso à realidade pelo pensamento.

A seguinte citação de Laborda resume a sua crítica ao neopositivismo, numa linha inteiramente coerente com o pensamento de Gabriel Marcel: “Nós jogamos, no âmbito do real, a existência do mistério; do mistério da existência humana, do mistério mesmo do real. Explico-me: se a racionalidade é racionalidade científica e a ciência progride no conhecimento da realidade sem limites, tendo nós a convicção plena e ativa de que ‘tudo será conhecido, se não por nós, ao menos pelo conjunto da humanidade’, já desde agora mesmo podemos dizer que nada há de misterioso na realidade; que nada há nela que não possa chegar a ser conhecido pelo homem. Conhecido quer dizer, em suas razões últimas, desentranhado, compreendido por nós em seu funcionamento; superfície para nós, já desde agora sem

nenhuma das profundidades do desconhecimento. A realidade, assim, poderá ser complexa, tanto quanto se queira admitir. mas em nenhum caso será inalcançavelmente complexa, infinitamente complexa. A realidade seria, em uma palavra, hoje cognoscível, amanhã conhecida. Este passo do ‘hoje’ ao ‘amanhã’ é, claro, uma aposta, mas uma aposta carregada de certezas que arrastam consequências graves”<sup>16</sup>. Para que se realize plenamente esta passagem, é preciso que nos interiorizemos através da “reflexão”, rodeada pela “aura” que emana da realidade, do âmbito do real, da realidade do “mistério da existência humana”, nas estruturas da vida, no ser da sua “situação” e “participação” e na sua necessidade de “transcendência”.

## CONCLUSÃO

Dentro da “Concepção Científica do Mundo”, defendida pelo Círculo de Viena, as proposições sobre Deus caem no âmbito daquelas proposições metafísicas que não têm sentido (non-sense). Suas deduções não chegam sequer à afirmação do Deus Aristotélico, primeira causa e motor imóvel. O sistema de Marcel, dentro da linha do “mistério”, vai além de uma mera afirmação filosófica de Deus.

O acesso ao real, na filosofia de Gabriel Marcel, ultrapassa a superfície a que chegam os Neopositivistas e tenta sondar as profundidades que só são atingidas através do “mistério”.

Contudo, como diz Copleston, é importante dar-se conta de que ele não trata de explorar o que transcende toda a experiência humana, mas aquilo que ele pretende é manifestar ou chamar a atenção



sobre o significado metafísico que se oculta no familiar, sobre os indicadores do eterno que há, tal como os vê nas relações interpessoais, às quais atribui um grande valor positivo e sobre uma presença que o invade e unifica tudo. Sua filosofia gira em torno das relações pessoais e da relação com Deus<sup>17</sup>.

Para o crente, de modo geral, e para o cristão, de modo particular, o problema de Deus deve ser colocado no âmbito das relações entre fé e razão, entendendo aqui razão no seu sentido pleno e humano. “Se deixamos, como diz Laborda, que a racionalidade se converta em mera racionalidade científica, já perdemos, nós crentes, a batalha frente ao mundo”<sup>18</sup>.

O pensamento de Gabriel Marcel se apresenta como uma filosofia genuína, um acesso à realidade. Não é uma filosofia do conceito, capaz somente de transmitir conceitos, mas é uma filosofia do Ser, da experiência do Ser. É uma filosofia da realização do Ser e a partir do Ser, que se concretiza através da resolução do “problema” e da revelação do “mistério”, no desvelamento existencial e por meio de certos atos de natureza privilegiada, como o amor e a fidelidade e a “reflexão”, interiorização de si-mesmo ou “redução transcendental”, na realidade que emana do âmbito do real, do mistério, do mistério da existência humana; nas estruturas da vida, no ser da sua “situação” e “participação” e na sua “necessidade de transcendência” para a sua “intersubjetividade” e no “eu em comunicação com os outros”, esta exigência da transcendentalidade que é, em última análise, a exigência de Deus, o próprio Ser Subsistente, fonte de todo o ser, o Ser mesmo

por excelência, o fundamento de todo o existir, em sentido transcendental.

Marcel acolhe a instância filosófica da fé, esforçando-se em justificar metodológica e metafisicamente o mistério ontológico.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTISERI, Dario. História da Filosofia. v. III: do romantismo até nossos dias. Giovanni Reale, Dario Antiseri. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- BISSACA, Giulia. Presentazione, in “Il Mistero dell’Essere”. v. I. Riflessione e mistero. Torino: Borla Editora Torino, 1970. (Coleção: “Le idee e la Vita, n. 53).
- BAUSOLA, Adriano (Org.). Questioni di Storiografia Filosofica: la Storia della Filosofia attraverso i suoi interpreti. v. IV Parte II: Il Pensiero Contemporaneo, tomo I. Brescia: Editrici La Scuola, 1978.
- BRÉHIER, Émile. História da Filosofia. Tomo II: A Filosofia Moderna. v. IV: O Século XIX após 1850; O Século XX e Índice Geral. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977-1981.
- CENTRO DI STUDI FILOSOFICI DI GALLARATE. Enciclopedia Filosofica. v. V. Roma: EDIPEM, 1979.
- COPLESTON, Frederick Charles. Historia de la Filosofia. v. IX: de Maine de Biran a Sartre. Barcelona: Editorial Ariel, 1982.
- GILSON, Étienne. A Existência na Filosofia de São Tomás. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962.
- LABORDA, Alfonso Pérez de. La Razón y las Razones: de la Racionalidad Científica a la Racionalidad Creyente. Madrid: Editorial Tecnos S.A., 1991.
- MARCEL, Gabriel. Decadencia de la Sabiduría. Buenos Aires: EMECÉ Editores, S.A, 1955.
- \_\_\_\_\_. Le Mystère de l’Être. v. I: Réflexion et mystère; v. II: Foi et Réalité. Paris: Aubier, 1951.



- \_\_\_\_\_. *Présence et Immortalité*. Paris: Flammarion, 1959.
- MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. T. II. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1975.
- PIERETTI, Antonio. *I Problemi della Filosofia: la Filosofia nei rapporti con le scienze e la cultura*. v. 3: nel mondo contemporaneo. Roma: Città Nuova Editrici, 1981.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. v. III: do romantismo até nossos dias./Dario Antiseri, Giovanni Reale; São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- TROISFONTAINES, Roger (s.j.). *De l'Existence a l'Être*. La Phiposophie de Gabriel Marcel. Louvain: Ed. Nauwelaerts, 1968. Tome I, 415p. et tome II, 505p. (Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de Namur).
- <sup>13</sup> Cf. LABORDA, Alfonso Pérez de. *La Razón y las Razones: de la Racionalidad Científica a la Racionalidad Creyente*, p. 25-6 e 172.
- <sup>14</sup> Idem. *Op. cit.*, p.145-6.
- <sup>15</sup> Idem. *Op. cit.*, p.217.
- <sup>16</sup> Idem. *Op. cit.*, p.171.
- <sup>17</sup> Cf. COPLESTON, F. C. *Op. cit.*, p.322.
- <sup>18</sup> Cf. LABORDA, A. Pérez de. *Op. cit.*, p.169.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cf. ENCICLOPEDIA FILOSOFICA. v. V, p. 410.
- <sup>2</sup> Cf. COPLESTON, Frederick C. *Historia de la Filosofia*. v. IX: de Maine de Biran a Sartre, p. 315.
- <sup>3</sup> BRÉHIER, Émile. *História da Filosofia*. Tomo II: A Filosofia Moderna. v. IV: O Século XIX após 1850. O Século XX e Índice Geral, p. 221.
- <sup>4</sup> BISSACA, Giulia. *Presentazione, in Il Mistero dell'Essere*. v. I: Riflessione e mistero, p. 10.
- <sup>5</sup> MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Tomo II, p. 133.
- <sup>6</sup> Cf. COPLESTON, F. C. *Op. cit.*, p. 318.
- <sup>7</sup> Idem. Idem, p. 318.
- <sup>8</sup> Idem. Idem, p. 319.
- <sup>9</sup> Idem. Idem, p. 319.
- <sup>10</sup> MARCEL, Gabriel. *Le Mystère de l'Être*. v. II, p. 33.
- <sup>11</sup> cf. COPLESTON, F. C. *Op. cit.*, p. 321.
- <sup>12</sup> HAHN, H.; NEURATH, O.; CARNAP, R. *Wissenschaftliche Weltauffassung: der Wien Kreis*. Viena: Harthur Wolf Verlag, 1929.

---

## ACESSO AO REAL EM GABRIEL MARCEL: "mistério" e "problema"

Francisco Fernandes Marinho

### Resumo

O autor pretende apresentar uma interpretação da Filosofia do Ser de Gabriel Marcel (1889-1973), partindo das duas noções básicas: ser como "problema", que se encontra no nível da opinião e da dúvida, e ser como "mistério", que atinge uma dimensão mais profunda. O acesso ao real, na Filosofia do Ser, em Marcel, concretiza-se através da resolução do "problema" e da revelação do "mistério", pela exigência da transcendentalidade.

Palavras-chave: ser; problema; mistério.

### Summary

*The author intends to present an interpretation of the Philosophy of Being by Gabriel Marcel (1889/1973), based on two fundamental notions: being as a "problem", which exists at the level of opinion and doubt, and being as a "mystery", which attains a more profound dimension. Access to the reality, in the Philosophy of Being by Marcel, is achieved by the resolution of the "problem" and the revelation of the "mystery", through the necessary path of transcendentality.*

*Keywords: being; problem; mystery.*



## Gabriel Marcel

(Paris, 1889-1973)

É o máximo expoente da corrente do pensamento contemporâneo chamada “existencialismo-cristão”. Mas prefere o nome de “filósofo-cristão” ou como ele mesmo diz “socrático-cristão”, por causa da semelhança com o filósofo grego na sua maiêutica ou método interrogativo, partindo do inautêntico para o autêntico, que visa o despertar do homem reconduzindo-o a si mesmo. Marcel conseguiu sintetizar, de maneira admirável, as instituições fundamentais e as linhas mestras de sua filosofia existencial na pequena obra intitulada “Le Mystère de l’être” e, em sua obra, influenciada de início por Bergson, Kierkegaard e Jaspers, a questão do Ser desdobra-se em duas vertentes: o Ser como “problema” e o Ser como “mistério”. O “problema” é algo objetivado, compreensível, determinável, programável, resolúvel; o “mistério”, algo além do “problema”, no qual o próprio Ser está implicado, transcendendo a sua capacidade de compreensão, não podendo ser dominado, apenas aceito. Há um antagonismo radical entre essas duas linhas da existência humana. A primeira, que Marcel chama linha “não-autêntica”, é aquela em que a reflexão primeira estuda o problema e se exprime na opinião. Estamos ainda não plano do “ter”. A segunda linha é a “autêntica”, na qual a reflexão penetra no “mistério” e atinge o reino do “Ser”. No homem, essas duas dimensões podem coexistir, mas é necessário fazer prevalecer a dimensão “autêntica”, pela qual temos acesso ao “Real”.

  
Francisco Fernandes Marinho